



**BEBETECAS: ESPAÇO DE LEITURA HABITÁVEL E DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA**

**BEBETECAS: ESPACIO HABITABLE DE LECTURA Y EDUCACIÓN ESTÉTICA**

**BEBETECAS: SPACE FOR HABITABLE READING AND AESTHETIC EDUCATION**

Adair de Aguiar Neitzel  
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil  
[neitzel@univali.br](mailto:neitzel@univali.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-0096-5892>

Marisa Zanoni Fernandes  
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil  
[profmarisa@univali.br](mailto:profmarisa@univali.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-3400-0378>

Isleide Steil  
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil  
[isleidesteil12@gmail.com](mailto:isleidesteil12@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1844-3307>

Juliana Pereira Nunes Furman  
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil  
[julifurman@yahoo.com.br](mailto:julifurman@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-7121-284X>

**Recibido:** 6 de enero de 2023

**Revisado:** 16 de abril de 2023

**Aprobado:** 3 de mayo de 2023

**Cómo citar:** Neitzel Correo, A.A; Zanoni Fernandes, M; Steil, I; Nunes Furman, J, P. (2024) Bebetecas: espaço de leitura habitável e de educação estética. *Bibliotecas. Anales de Investigacion*;20(1), 1-16

**RESUMO:**

**Objetivo.** Esta pesquisa, desenvolvida junto à Bebeteca do Centro de Educação Infantil (CEI) João Vitorino, da Rede Municipal de Itajaí, Santa Catarina, Brasil, teve por objetivo discutir como a Bebeteca pode ser um espaço de leitura habitável e de educação estética da criança pequena. **Design/Methodologia/Abordagem.** É um estudo de abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados: fotografias, entrevista com a coordenadora do CEI e o projeto da Bebeteca. A análise das fotografias e dos vídeos deu-se segundo a abordagem desenvolvida por Loizos (2002); e a análise da entrevista, segundo a análise de conteúdo de Franco (2008). Esta pesquisa está alinhada aos estudos de Petit (2019), Bachelard (2000), Aguiar (2019), Yunes (2014), Hasper (2017), entre outros. **Resultados/Discussão.** Discute-se a bebeteca como um espaço, habitável pela criança pequena, que promove a interação com os livros pelo viés da educação estética. **Conclusões.** A Bebeteca

torna-se um espaço de leitura habitável e de educação estética quando ela tem seu projeto elaborado e discutido com os professores mediadores de leitura; o espaço físico é organizado de forma estética para que a criança tenha conforto e liberdade de escutar histórias, manusear o livro e interagir com os pares; envolve a família em uma ambiência de leitura, o acervo literário está adequado ao público e tem qualidade estética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bebetecas; Leitura do literário; Educação Infantil; Educação estética.

## RESUMEN

**Objetivo.** Esta investigación, desarrollada en conjunto con la Bebeteca do Centro de Educação Infantil (CEI) João Vitorino, de la Red Municipal de Itajaí, Santa Catarina, Brasil, tuvo como objetivo discutir cómo la Bebeteca puede ser un espacio habitable para la lectura y la educación estética de los niños pequeños.

**Diseño/Metodología/Enfoque.** Este es un estudio con enfoque cualitativo, tengo como instrumentos de recolección de datos: fotografías, entrevista a la coordinadora del CEI y del proyecto Bebeteca. Un análisis de las fotografías y dos videos debido al enfoque desarrollado por Loizos (2002); y el análisis de la entrevista, según el análisis de contenido de Franco (2008). Esta investigación está en línea con los estudios de Petit (2019), Bachelard (2000), Aguiar (2019), Yunes (2014), Hasper (2017), entre otros. **Resultados/Discusión.** La bebeteca se discute como un espacio, habitable por niños pequeños, que promueve la interacción con los libros a través del sesgo de la educación estética. **Conclusiones.** La Bebeteca se convierte en un espacio habitable de lectura y educación estética cuando es un proyecto diseñado y discutido con mediadores lectores; El espacio físico está organizado estéticamente para que los niños tengan comodidad y libertad para escuchar cuentos, manejar el libro e interactuar en parejas; involucra a la familia en un ambiente de lectura, el acervo literario es adecuado al público y su calidad estética.

**PALABRAS CLAVE:** Bebés; Lectura literaria; Educación Infantil; Educación estética.

## ABSTRACT

**Objective.** This research, developed with the *Bebeteca*<sup>1</sup> of the Early Childhood Education Center João Vitorino, from the Municipal Network of Itajaí, Santa Catarina, Brazil, aimed to discuss how *Bebeteca* can be a space for habitable reading and aesthetic education for young children. **Design/Methodology/Approach.** It is a qualitative research, having as data collection instruments: photographs, an interview with the coordinator of the Center and the *Bebeteca* project. The analysis of the photographs and videos took place according to the approach developed by Loizos (2002); and the interview analysis, according to Franco's content analysis (2008). This research is in line with the studies of Petit (2019), Bachelard (2000), Aguiar (2019), Yunes (2014), Hasper (2017), among others. **Results/Discussions.** The beverage library is discussed as a space, inhabitable by small children, which promotes interaction with books through the bias of aesthetic education. **Results/Discusion.** The beverage library is discussed as a space, inhabitable by small children, which promotes interaction with books through the bias of aesthetic education. **Conclusions.** The *Bebeteca* becomes a space for habitable reading and aesthetic education when it has its project elaborated and discussed with reading mediating teachers; the physical space is esthesically organized so that the child has comfort and freedom to listen to stories, handle the book and interact with peers; it involves the family in a reading environment, the literary collection is suitable for the public and has aesthetic quality.

**KEYWORDS:** *Bebetecas*; literary reading; Early Childhood Education; Aesthetic education.

## INTRODUÇÃO

A leitura é uma temática cujas pesquisas têm avançado muito no Brasil desde a década de 1980. Silva (1986), Soares (2001), Yunes (1999), Zilberman (1986), Lajolo (1986), Rösing (1996), Bordini e Aguiar (1993), entre outros pesquisadores, foram protagonistas dessas pesquisas que, ao longo dos anos, se pulverizaram, multiplicaram e geraram as bases para políticas públicas de leitura, como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), assim como para documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

---

<sup>1</sup> A library specially elaborated for very young children (from eight months to six years of age).

o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas pesquisas trouxeram à baila a função estética da literatura e desenvolveram conceitos acerca da necessidade de escolarizar-se adequadamente o texto literário.

No que diz respeito à leitura para a criança pequena, a produção foi mais tímida. Na década de 1990, Abramovich dedicou-se a escrever sobre a leitura do literário para crianças no livro *Literatura Infantil: gostosuras e bobices* (Abramovich, 1991). A autora aborda vários temas relacionados à formação dos leitores mirins, entre eles a importância da contação de histórias e das bibliotecas escolares e explora as qualidades estéticas de várias obras infantis. A autora coloca acento sobre a poesia para crianças e, de várias formas, foca a atenção no objeto livro, na importância de a escola dar espaço para a leitura e discussão da obra. Ela sinaliza uma concepção de leitura do literário pela apreciação estética e enfatiza como pelo gosto de ler se pode alcançar a fruição.

Na última década, vimos crescer as pesquisas que defendem a leitura do literário para as crianças da Educação Infantil. De modo semelhante, essa importância vimos destacada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e na BNCC. No entanto, não se trata apenas de pesquisas que evidenciam a importância da literatura no desenvolvimento da criança, ou que apresentam formas de mediar o texto literário em sala de aula ou, ainda, de pesquisas que analisam as produções de livros infantis para as crianças, mas, sim, estamos presenciando, neste século XXI, um outro movimento que está trazendo à baila a necessidade dos Centros de Educação Infantil (CEIs) organizarem espaços leitores, sobretudo para bebês e crianças bem pequenas, como a Bebeteca.

Várias Secretarias de Educação, no Brasil, iniciaram a implantação de Bebetecas nas suas redes de ensino, tais quais: a Secretaria de Educação de Castro, Paraná; a Rede de Ensino de Sorocaba, São Paulo; ou, ainda, a Rede de Ensino de Itajaí, Santa Catarina. Há, também, Bebetecas como laboratório de formação de mediadores de leituras como a da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse movimento da criação de um espaço como uma ação sistemática de leitura na Educação Infantil é recente e evidencia que se está começando a entender que a leitura é um direito da criança pequena assim como o brincar.

Hasper e Neitzel (2020) analisam, em sua pesquisa, duas Bebetecas, uma em Castro (PR) e outra em Itajaí (SC). As autoras registraram como cada espaço é organizado, como o acervo é composto e como as mediações de leitura são efetuadas. As pesquisadoras observaram como a Bebeteca pode ser um espaço de educação estética quando oferece livros de qualidade, quando o livro é oportunizado como um brinquedo e quando prima por encontros que possibilitem à criança pequena interagir com os livros livremente e com seus pares e professores.

Baptista, López e Almeida Júnior (2016) discutem a constituição da Bebeteca a partir de três espaços distintos, em Buenos Aires (Argentina), em Sorocaba (SP) e na Faculdade de Educação da UFMG. Os pesquisadores trazem a concepção de leitura, constituição do acervo para crianças menores de seis anos, a organização do espaço, a participação da família, assim como apresentam contribuições acerca das mediações que podem ser realizadas com as crianças pequenas. A pesquisa de Baptista, López e Almeida Júnior (2016) sinaliza a necessidade de primar-se pela qualidade do acervo, do espaço e das mediações, pois elas são fundamentais no processo de apropriação e de exploração do livro na infância.

Quando falamos em Bebetecas, estamos nos referindo ao espaço físico que os CEIs organizam para os livros e as mediações de leitura, isto é, um espaço com livros e mobiliários adequados para a interação da criança com o livro. Mesmo compreendendo que há Bebetecas móveis, que circulam nas salas de aula, demarcamos que nosso objeto de pesquisa são as Bebetecas que possuem espaços físicos apropriados, adaptados às necessidades da criança, assim como um projeto norteador. Entendemos que, quando um CEI pensa e estrutura um espaço para funcionar como uma Bebeteca, ele declara que entende a leitura como um direito da criança, uma ação que depende de outros fatores que são o travejamento desse espaço de leitura, a saber: elaboração do projeto pelos profissionais do CEI; espaço físico adequado; formação de mediadores de leitura; acervo bibliográfico com qualidade estética; envolvimento da família.

Esses cinco movimentos que necessitam ser observados na organização de uma Bebeteca são determinantes para que essa ação garanta não apenas o direito da criança pequena à leitura, mas se torne um espaço de leitura

habitável e um canteiro de obras, um lugar de pulsões afetivas, trocas, interações, exploração e de educação estética, como aborda Petit (2019). Neitzel, Ferri e Borba (2018) abordam a biblioteca como um espaço de estesia, de educação estética quando esta ultrapassa a ideia de espaço para leitura e guarda de livros, tornando-se espaço de convivência e experiência, de produção de sentidos. As pesquisadoras entendem [...] “por educação estética o movimento no qual o ser humano se envolve e amplia o seu olhar, seu escutar, sua capacidade de afetar e ser afetado, de estesiarse pelas coisas que estão no seu entorno” (Neitzel; Ferri; Borba, 2018, p. 3).

## **METODOLOGIA**

Esta foi uma pesquisa qualitativa desenvolvida junto à Bebeteca do Centro de Educação Integrada (CEI) João Vitorino, Itajaí, SC, Brasil. Seu objetivo foi discutir como a Bebeteca pode ser um espaço de leitura habitável e de educação estética da criança pequena. A escolha por essa Bebeteca deu-se tendo em vista que esse é o único espaço físico destinado a uma Bebeteca na Rede Municipal de Ensino de Itajaí. Essa Bebeteca foi planejada e implementada em parceria com o projeto de extensão PROLER, vinculado à Escola de Educação de uma universidade da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE) do sul do país.

A Bebeteca atende a aproximadamente 420 crianças matriculadas no CEI. No primeiro semestre de funcionamento da Bebeteca, ela não contou com nenhum profissional que auxiliasse na organização do espaço. A partir do segundo semestre, no período matutino, uma agente readaptada passou a auxiliar com o empréstimo de livros às famílias, organização da Bebeteca, catalogação e realização de pequenos reparos nos livros, entre outras atividades. Quanto às atividades propostas, são planejadas e implementadas pelo professor e pelo agente responsável pela sua turma. Há um horário determinado para cada turma visitar a Bebeteca, visita que ocorre duas vezes por semana, no primeiro semestre durante 15 minutos e no segundo semestre 30 minutos.

Os instrumentos de coleta de dados foram: entrevista com a coordenadora do CEI, o projeto da Bebeteca, fotos e vídeos do acervo da própria Bebeteca. A análise dos dados da entrevista e do projeto deu-se segundo a análise de conteúdo proposta por Franco (2008). As fotos e os vídeos foram selecionados pelas pesquisadoras tendo em vista os cinco movimentos elencados por elas como o travejamento de uma Bebeteca, a saber: elaboração do projeto pelos profissionais do CEI; espaço físico; formação de mediadores de leitura; acervo bibliográfico; e envolvimento da família. Loizos (2002) auxiliou-nos na análise do material imagético. A partir desses cinco movimentos, buscamos fotos que ajudassem a entender como esse processo de construção e de implementação da Bebeteca se deu. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da instituição executora do projeto e respeitou todas as salvaguardas éticas necessárias e requisitos da Resolução CNS N° 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) e suas complementares.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: A BEBETECA COMO UM ESPAÇO QUE REPERCUTE**

Quais são as imagens que nos vem à mente quando o assunto é Bebeteca? Em uma perspectiva fenomenológica, não nos detemos a descrever esse espaço como um objeto, mas percebê-lo como um espaço habitável, aquele no qual encontramos abrigo, que desejamos morar, espaço vital de intimidade que nos protege (Bachelard, 2000). Para Bachelard (2000, p. 200), “[...] todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa”. A casa é nosso refúgio, agasalha-nos e protege-nos, espaço vivido que nos permite o devaneio, em que “[...] a memória e a imaginação não se deixam dissociar” (Bachelard, 2000, p. 200). Ela é, segundo o filósofo, corpo e alma. Pensar a Bebeteca como um espaço habitável é pensar nela como nossa casa, desvelar seus matizes tocando sua poeticidade, seus dinamismos, pensá-la como um grande berço que nos embala, que nos oportuniza afetividades, um “estar-bem no bem-estar” (Bachelard, 2000, p. 202). A imagem da Bebeteca como casa pode ser estendida para a imagem da concha, porque esta também é morada, toca, ninho, um invólucro que nos protege. Ambas suscitam em nós uma primitividade que nos provoca a dinamismos de encolhimento para conhecimento de si, como apresenta Bachelard (2000).

Essa visão extrapola, evidentemente, a ideia da Bebeteca como um ambiente funcional de leitura apenas, onde a criança irá familiarizar-se com o livro, aprender a manipulá-lo. Ela é um espaço cultural que “[...] chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra” (Bachelard, 2000, p. 31). Por isso, ela pode auxiliar na educação estética das crianças, pois pode ficar enraizada na sua memória. Uma imagem que, ao ser

cultivada, será visitada ao longo de seu desenvolvimento, repercutindo os valores da intimidade vividos, os quais poderão seduzir o leitor à leitura. Afinal, o livro é o objeto mágico que transporta a outros mundos, àquele mundo vivido na infância, na Bebeteca-casa, na Bebeteca-concha. Como a Bebeteca pode se tornar um espaço habitável que repercutirá no leitor e poderá contribuir para sua educação estética? Apresentaremos, a seguir, os cinco movimentos que poderão trazer subsídios para se pensar e evocar esse espaço.

### ***Movimento 1: Elaboração do projeto pelos profissionais do Centro de Educação Integrada***

Um projeto é algo que nos lança para a frente, que nos faz caminhar, que aponta nosso propósito, algo que desejamos realizar. Ele exige de nós ideias, pensamentos, organização, metas, recursos e disposição para implementação. Quando o projeto é idealizado por um grupo, é necessária discussão, compartilhamento de ideias e inclusive abdicação de muitas das coisas que acreditamos, porque, para caminhar, para avançar, para conhecer o desconhecido é preciso abdicar das nossas certezas. Um projeto grupal nos dá o sentimento de pertencimento, que não é algo imposto por uma secretaria ou uma gestão, mas algo que é conquistado e no qual apostaremos o testemunho de uma continuidade.

A criação de uma Bebeteca na escola necessita desse sentimento de pertencimento, porque será ele que vai gerar o testemunho de continuidade para que esse espaço se torne realizável e que as adversidades que surgirem ao longo de sua implementação não sejam obstáculos impenetráveis, desestabilizadores. Um projeto de uma Bebeteca necessita que o grupo de profissionais que vai trabalhar nela tenha a mesma concepção de leitura do literário e esteja alinhado nas metodologias de trabalho. Para isso, é fundamental o estudo teórico e a discussão. Aguiar (2019) ressalta que o aprofundamento teórico a levou a refletir sobre metodologias de leitura que desenvolvia junto a seus alunos e a sistematizar um trabalho que muitas vezes era intuitivo.

Em entrevista à coordenadora do CEI, identificamos que, antes do espaço da Bebeteca ser organizado, houve, no CEI, um movimento com os professores e os agentes, com reuniões e formações de forma a alinhar a concepção de leitura do literário com a compreensão da literatura frutiva. A redação do projeto, o qual foi elaborado ao longo de 12 meses, deu-se a cada reunião ou encontro de formação. Segundo a coordenadora, iniciou-se o movimento com discussões e estudos sobre a concepção de literatura com ênfase na função estética da literatura, sobre a sua escolarização adequada, uma leitura que parte do gosto, do deleite, para que a relação entre a criança e a obra seja de aproximação. Esse movimento foi importante, segundo a gestora, porque muitos professores ainda compreendiam a literatura como um recurso pedagógico para ensinar algo e, também, exploravam mais sua função comunicativa e didática do que estética, pois nem todos tinham a compreensão de que a literatura era arte, assim como não tinham clareza de como deveriam introduzi-la segundo essa concepção.

Ao analisar o projeto da Bebeteca do CEI João Vitorino, identificamos que está explícita a concepção que a norteia, a literatura frutiva, compreendida como arte, e que a interação com o livro se dá pela metodologia da literatura frutiva. Segundo o *Projeto: Bebetecas – O direito da criança pequena à leitura do literário* (2019, p. 1): “Esta metodologia concebe o livro como objeto estético para ser apreciado e explora a função estética da literatura”. Há, no projeto, a compreensão de “[...] que o livro de literatura ensina, mas pelo viés artístico” (Projeto: Bebetecas..., 2019, p. 1) e de que essa metodologia prevê que “[...] as crianças estabeleçam uma relação de deleite com o livro, que este seja percebido com a mesmo interesse que o brinquedo desperta, uma relação sensível que vai sendo tecida à medida que escuta histórias, manuseia o livro e troca ideias com os pares” (Projeto: Bebetecas..., 2019, p. 1).

Segundo Barthes (2013), a literatura tem uma função estética que nos oportuniza pensar a língua fora do poder fascista no qual é colocada. Além disso, a literatura promove uma revolução constante da linguagem pelas forças de liberdade que nela coexistem. Trabalhar com a literatura consiste em avivar o jogo das palavras do qual o texto é feito, jogo que não se limita à decifração do que está explícito, aos muitos saberes que ela assume, ao seu caráter enciclopédico, mas do trabalho de deslocamentos que provoca. Independentemente da idade do leitor, o mediador de leitura necessita pensar a literatura como jogo, como possibilidade de “girar os saberes” e não de fixá-los como verdades, porque este é o conceito barthesiano de texto de fruição:

[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos,

de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (Barthes, 2010, p. 21-22).

A partir dessa concepção de literatura, é necessário desenvolver metodologias de trabalho com o texto que amplifiquem essa visão do texto literário. Ao consultar o projeto da Bebeteca, identificamos que três procedimentos metodológicos são elencados como norteadores: contação de histórias (Figura 1), manuseio livre do livro e interação com os pares. Esses procedimentos de tratamento do livro na Bebeteca têm se mostrado, nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre metodologias de leitura no Brasil, como ações que impactam na formação de leitores. Yunes (2014) enfatiza como a leitura em voz alta pelo mediador de leitura pode atrair a criança para o texto escrito: “Há pois que ter alma para dar expressão ao lido. [...]. De repente some quem conta ou canta, fica o texto, ficam os sons na cabeça do ouvinte, e ele dispara a imaginar com olhos abertos o que não vê, mas vive” (p. 3).

**Figura 1:** A contação de histórias pelo professor



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino

O manuseio livre do livro pela criança pequena (Figura 2) instaura entre a criança e a obra uma cumplicidade na leitura, principalmente quando ela se dá após a contação de histórias, pois “[...] pela audição poética, um desejo de encontro com o texto é liberado e o leitor, na roda de leitura, entrega-se ao livro, em um movimento silencioso de busca e recuperação de outros sentidos” (Neitzel; Carvalho, 2016, p. 148). Ambos os movimentos de entrada no texto são importantes para a apreciação e a apropriação do texto, um que parte do mediador e o outro que oportuniza que, no silêncio entre obra e leitor, no ruminar do texto, na intimidade com o livro, a experiência da leitura aconteça.

**Figura 2:** Manuseio do livro pelas crianças pequenas



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino.

Contudo, para além da contação de histórias pelo mediador e do manuseio do livro de forma individual, silenciosa, a criança deseja partilhar o objeto livro, interagir, dividir suas descobertas com os colegas (Figura 3). Essa partilha pode dar-se informalmente, sem ser sistematizada, como pode se dar em uma roda de conversa organizada pelo mediador.

**Figura 3:** Roda de leitura



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino.

Segundo Carvalho, Neitzel e Moraes (2020): “A oportunidade de selecionar o livro, de folheá-lo, de conversar com o amigo e mostrar as ilustrações alimenta seu desejo pelo objeto e uma relação de apreciação, de *gratia sui*, vai se estabelecendo” (p. 116). Identificamos, pelos registros em forma de vídeos, que os mediadores não promovem na Bebeteca a roda de conversa de forma sistematizada, em que as crianças, em círculo, apresentam questões sobre o livro contado pelo mediador ou escolhido para leitura individual. A interação acontece com os pares, e a leitura é estimulada, ressoando na ponta dos dedos e no diálogo com os amigos; afinal, como afirma Yunes (2014), “[...] os livros têm luz própria, antes mesmo de serem suportes; o que eles contam tem vida própria e cabe ao leitor qualquer que seja incorporá-la a seu jeito” (p. 5).

## ***Movimento 2: Espaço físico***

Reis e Neitzel (2018) discutem o modelo de rotina e de organização do espaço de creches de San Miniato, Itália. As autoras observaram como a literatura se faz presente nas ações cotidianas das creches. Para as pesquisadoras, o espaço afeta a qualidade das ações educativas propostas e, quando ele é organizado esteticamente, pode oferecer propostas diferenciadas de trabalho que educam os sentidos, de modo a oportunizar intensas e ricas relações culturais. A Bebeteca como um espaço habitável necessita ser pensada como um contexto de acolhimento, promotor de experiências sensíveis, onde as crianças possam sentar ou deitar para escutar uma história, escolher seu próprio livro, simulando a leitura, manuseá-los livremente, trocar olhares, sorrisos e ideias com seus colegas e com a mediadora de leitura, um espaço rico de interações.

Nessa perspectiva, almofadas e tapetas no chão da Bebeteca (Figura 4) convidam a criança a ficar, a trocas afetivas e diálogos espontâneos com os colegas, uma rede a embala na leitura e a ajuda a construir vínculos íntimos com os livros, com o corpo, com o deleite (Figura 5). “As oportunidades de interação que a rotina escolar promove sustentam a liberdade de tocar no livro, brincar com ele, um envolvimento que vai crescendo no dia a dia e que educa para a emancipação” (Carvalho; Neitzel; Moraes, 2020, p. 117).

**Figura 4:** Espaço da Bebeteca



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino.

**Figura 5:** Espaço da Bebeteca



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino.



O desenho arquitetônico completa-se com as escolhas e a disposição do mobiliário, de cada objeto, das cores, pois o contexto na Bebeteca revela uma intencionalidade, um mapa de ideias que possibilita percorrer caminhos, sustentar experiências literárias. Desse modo, cada objeto carrega significados: uma rede nos lembra que livros podem ser lidos em nossa hora de folga, é um objeto que remete ao prazer, ao ócio, ao descanso. Quando nos embalamos na rede com um livro nas mãos, desejamos que esse momento se eternize. Almofadas e tapetes convidam-nos a sentar no chão e evidenciam que a leitura pode ocorrer sentados ou deitados, que nosso corpo pode encontrar a melhor forma de ler, que a leitura pode ser tão interessante e convidativa quanto o brincar, um espaço que possibilite que a criança projete suas experiências, como lembra Fortunati (2018). Para o pesquisador, “[...] boa educação é aquela que consente e favorece que as crianças desenvolvam as próprias experiências com interesse, motivação, com prazer e projetem a experiência dentro do nível de autonomia que são capazes” (Fortunati, 2018, p. 17).

O espaço físico da Bebeteca, apesar de pequeno (3,57 metros x 6,10 metros = 21,78 m<sup>2</sup>), tem as características de “[...] espaços propícios ao brincar, ao sonho, ao pensamento, à exploração de si e do mundo, aos compartilhamentos, que são essenciais para seu desenvolvimento estético, psíquico, intelectual” (Petit, 2019, p. 203). Ele é climatizado, possui redes, pufes, tapetes, almofadas, estantes, espelho, elementos que oportunizam que a criança, ao ler um livro, se sente ao lado do colega para interagir com ele, organização que a convida a permanecer nesse espaço ou a retornar.

O contexto da Bebeteca do CEI João Vitorino oportuniza, às crianças e aos educadores, experiências e relações. Ela tem representado uma oportunidade para educar esteticamente as crianças pequenas, pois é um espaço que possibilita a narrativa de múltiplas histórias, afetos, relações, desejos e experiências.

### ***Movimento 3: Formação de mediadores de leitura***

O espaço de leitura da Bebeteca pode alterar a rotina do CEI, dependendo do seu uso. É necessário que os professores compreendam os benefícios desse espaço de ambiência de leitura e saibam como mediar as vivências literárias. Para Carvalho, Neitzel e Moraes (2020): “Mediar o texto literário é provocar o outro ao desejo, oferecer a oportunidade da descoberta, possibilitar a mobilidade entre as estantes, à procura pelo livro, demonstrar respeito pelas escolhas do outro e, também, sugerir leituras” (p. 110). Uma concepção que é preciso ser discutida e ampliada com os professores para que eles compreendam a Bebeteca como um espaço de trocas, e, assim, o livro passe a fazer parte da rotina da criança. Por isso, a formação dos professores necessita dar-se além dos saberes específicos da área, embrenhando-se pelos saberes da ordem (do) sensível, que possibilitem a reflexão e a experiência nos âmbitos estético, artístico e cultural (Ostetto; Silva, 2018).

Hasper (2017), ao analisar como o mediador de leitura se comporta na Educação Infantil durante a contação de histórias, assinala a importância do respeito às ideias da criança que se manifesta durante a contação. Para que a Bebeteca seja um espaço de acolhimento e de oportunidades, que Carvalho, Neitzel e Moraes (2020) apontam, é fundamental que o mediador de leitura participe de encontros de formação para discutir a metodologia de uso da Bebeteca, a qual necessita apontar como mediar o livro de literatura e de como disponibilizá-lo para que a criança o manuseie com responsabilidade e autonomia.

Identificamos que houve um programa de formação junto aos professores e aos agentes da escola para que os professores não só ampliassem suas habilidades de mediadores de leitura, como discutissem os fundamentos de um projeto de ambiência de leitura, incluindo aí a concepção de leitura do literário que iria nortear a metodologia da Bebeteca. Os encontros aconteceram ao longo de 12 meses, alguns de 45 minutos durante as atividades laborais, outros de quatro horas durante os períodos de formação que a Secretaria de Educação do Município reserva para as paradas pedagógicas. O programa abrangeu tanto os professores quanto as agentes que são auxiliares dos professores.

**Figura 6:** Formação para as agentes na Bebeteca



**Fonte:** Acervo do CEI João Vitorino.

Segundo a coordenadora do CEI, o programa de formação dos professores e dos agentes tinha como agenda a concepção de leitura do literário, a função da literatura, a discussão sobre a organização do espaço e as metodologias de uso da Bebeteca (formas de mediar o texto literário), os critérios de seleção das obras para crianças e o envolvimento da família no projeto. A cada encontro, o projeto da Bebeteca era delineado pelo grupo, para que um sentimento de pertencimento fosse gerado e que o projeto fosse entendido como algo que era responsabilidade do grupo, como um benefício para o CEI e para as crianças. Ao todo foram promovidos três encontros de quatro horas, nas paradas pedagógicas; e, ao longo do ano letivo, foram quatro encontros de 45 minutos cada.

Com relação à metodologia de trabalho da Bebeteca, consta no projeto que ela deve contemplar a contação de histórias, o manuseio livre do livro e a interação com os pares. A contação de histórias exige do mediador que ele se prepare, o que requer que a leitura do livro tenha sido feita antecipadamente. O olhar que o mediador dirige às crianças assim como a entonação da voz poderão aproximá-las do livro como afastá-las, depende de como esses recursos corporais são usados. “Quando lemos em voz alta, eles [os bebês] estão presentes em sua vida interior, eles elaboram. Constroem simultaneamente um mundo habitável e esse mundo interior” (Petit, 2019, p. 26).

O manuseio livre do livro e a interação com os pares faz parte da roda de leitura que é um movimento importante para ampliar o contato entre crianças e livro. Ela escolhe seu livro e, para isso, o acervo necessita estar disponível, favorecendo seu manuseio (seja nas estantes, seja no tapete). Folhear o livro escolhido atentamente, mostrá-lo para o colega, imitar a professora que contava histórias, observar as imagens, devolver o livro na estante, trocá-lo com o colega, tudo isso alarga a experiência leitora da criança. “Um texto literário para ser experienciado solicita do leitor um olhar carinhoso, que não se prende a um projeto prévio de leitura. O leitor abre-se para escutá-lo, deixa-se provocar” (Nhoque, 2019, p. 287).

**Figura 7:** Roda da leitura



**Fonte:** Acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino

Observamos que o projeto não cita a roda de conversa na Bebeteca como parte da mediação de leitura. Esse é um momento que pode ser oportunizado durante a roda de leitura, enquanto as crianças manuseiam os livros ou posteriormente, para conversar sobre a história lida pelo professor ou para que alguma criança apresente o livro manuseado por ela. Essa mediação não pode ser confundida com um momento de aferição da compreensão do texto, no qual o professor elabora perguntas e as crianças respondem, apesar de que perguntas sempre são bons disparadores de conversa, desde que estimulem o pensar, o criar, perguntas abertas que provoquem as crianças a imaginar e a criar proposições sobre o vivido. Professores leitores, inseridos em um círculo de leitura, ajudarão suas crianças “[...] a construir lembranças que elas ainda vão revisitar muito tempo depois” (Petit, 2019, p. 203).

#### ***Movimento 4: Acervo bibliográfico***

Se até a década de 1980, no Brasil, tínhamos um parco mercado editorial para o público infantil que investia mais nas fábulas e nos contos clássicos; hoje, esse cenário mudou, e o livro de literatura para crianças passou a ser tratado como um objeto estético. Ramos e Panozzo (2011) sinalizam que literatura infantil contemporânea na atualidade está renovada, pois está dotada de “[...] caráter literário, artístico, estético, cultural e comunicativo” (p. 18).

Os ilustradores contribuíram de fato para que essa percepção fosse ampliada, pois a imagem passou a ser um elemento não de reiteração do texto verbal, mas de amplificação da potência do livro. Quando ela dialoga com o texto, quando não são ilustrações dele mas se apresentam como outro texto, ampliam as possibilidades de o leitor se relacionar com a obra e ressignificá-la. Ramos e Nunes (2013) sinalizam que a imagem “[...] concede ao leitor uma porta para ele abrir e ingressar na história” (p. 261).

A composição de uma biblioteca (seja ela destinada para bebês, crianças, jovens, adultos ou idosos) necessita observar o público ao qual ela se destina, sem perder de vista a qualidade estética das obras. Como salienta Aguiar (2019), “[...] critérios de atendimento aos leitores e qualidade estética das composições devem se mesclar em equilíbrio” (p. 338). Uma Bebeteca atende a crianças a partir de 4 meses de idade, e um acervo literário que celebre o imaginário, que instigue à leitura, que provoque um clima propício à escuta e à interação é fundamental.

Um bom acervo é aquele que é composto de obras de vários gêneros, assim como de obras com um suporte material diversificado, que explore as possibilidades da folha plana, mas que também tenha uma proposta inovadora na apresentação da temática trabalhada. No que diz respeito aos gêneros, é recomendável que faça

parte do acervo da Bebeteca não apenas narrativas, mas também poesias e livros de imagens, como salienta Hasper (2017).

Com relação ao suporte material, Martins e Neitzel (2016) analisam 10 livros de literatura infantil e consideram que a diagramação, a imagem, o *layout* do livro, o tipo e cor de letra interferem na relação do leitor com a obra e ampliam as suas possibilidades de interação. As pesquisadoras afirmam que “[...] cada modo de escrever e ilustrar, bem como suas combinações verbo-visuais tendem a organizar e significar elementos estilísticos que ampliem ou não o jogo de significações que o livro pode provocar” (Martins; Neitzel, 2016, p. 17-18). A pesquisa de Martins e Neitzel (2016) evidencia que a qualidade estética do acervo se compõe pela materialidade do livro, pela diversidade textual assim como pelo seu conteúdo. Hoje, temos, além do suporte impresso, o digital, assim como formatos diversos, livros grandes, pequenos, folhas avulsas, com dobraduras, livros-objetos. O livro passou a ser produzido não apenas com papel, mas também plástico, tecido e pano, e há uma grande variedade de usos do papel (cor, tamanho, gramatura, composição).

Todavia, não foi apenas na questão do suporte material que houve uma evolução da literatura infantil, pois os livros passaram a ser cuidadosamente elaborados no que diz respeito ao seu conteúdo. Assim, hoje, temos muitas obras produzidas para crianças que “[...] se apresentam como textos abertos às plurissignificações, multilineares e escrevíveis; textos que geram múltiplos percursos de leitura e variedades interpretativas” (Martins; Neitzel, 2016, p. 631). Um bom texto, seja narrativo, lírico ou de imagem, é aquele que apresenta um “[...] quadro mental esteticamente produtivo, dosando a quantidade de indeterminações” (Bordini, 2009, p. 159), com os sentidos estruturados pelo autor.

No que diz respeito ao acervo da Bebeteca do CEI João Vitorino, identificamos que ele é composto por cerca de 430 livros, os quais foram previamente selecionados. Desse conjunto, 95% são narrativas, e 5%, de poesia e imagens. Constatamos que o número de livros de imagens e poesias é muito inferior ao número de livros de narrativas. Segundo a gestora do CEI, o critério estético foi o determinante na seleção, pois priorizaram-se livros que não tivessem a intenção de ensinar de forma explícita algum conteúdo como números, letras ou temáticas outras. A gestora demonstra ciência da necessidade de ampliar o acervo de livros de imagens e de poesias e constata que há uma dificuldade dos professores em saberem como lidar com esses livros, havendo a necessidade de ofertarem-se formações que ampliem as possibilidades de mediações de leitura com o livro de imagem e com o texto lírico.

O acervo dessa Bebeteca não é separado por idade, pois, segundo a gestora, entende-se a necessidade de a criança ser desafiada à leitura de textos mais complexos. Identificamos que não há livros de fábulas e contos clássicos. De acordo com a gestora, o CEI possui esse acervo, o qual foi temporariamente retirado da Bebeteca para que os professores e as crianças conhecessem outros títulos e autores, mas que ela reconhece que ambos (fábulas e contos clássicos) são materiais riquíssimos para o desenvolvimento das crianças e que espera logo incorporá-los. A gestora afirma que os professores são incentivados em reuniões e paradas pedagógicas a conhecerem o acervo da Bebeteca, para que, a cada visitação com as crianças, eles introduzam novas obras na contação.

### ***Movimento 5: Envolvimento da família***

Para que o livro se torne um objeto cultural que permeie a vida da criança, o envolvimento da família é fundamental. Petit (2019) argumenta sobre a relação que se estabelece entre a biblioteca e a casa das crianças por meio dos livros, os quais passam a ser compartilhados com os irmãos e os pais. A relação que vai sendo tecida entre a família e a Bebeteca não é de um repositório de livros, mas de um local de partilha e de sociabilidade. Se esse espaço permite outras ações culturais, a visão da Bebeteca/biblioteca como espaço de trocas culturais vai estreitar os vínculos das famílias com os livros, com esse espaço, uma ação de democratização cultural, mas também de trocas de afetividades.

Nhoque (2019), ao investigar como se forma o leitor do literário encarnado, afirma que essa formação acontece pelas mãos de um mediador que o insere no jogo com o texto em busca de sentidos. Sua pesquisa revela que normalmente é pela mão da família (mas também do professor ou bibliotecário) que o texto repercute no leitor. Apesar de a experiência ser sempre única e individual, o leitor “[...] se constitui quando experiencia o texto”

(Nhoque, 2019, p. 287). O mediador de leitura pode ampliar as experiências do leitor com o texto, pois “[...] o leitor encarnado se constitui, em movimento e de forma orgânica, com o tempo e a partir das experiências que faz com a leitura e na vida” (Nhoque, 2019, p. 287). No entanto, a pesquisadora adverte que “[...] não basta que ele leia para aqueles que iniciam na leitura, se a relação entre eles não for pautada pelas emoções, pelo sensível” (Nhoque, 2019, p. 289), o que nos leva a pensar na importância de que esse encontro que se inicia na Bebeteca não se resume apenas na leitura de um livro para a criança em casa, mas que a família o faça com emoção, com vontade de partilhar.

Na Bebeteca do CEI João Vitorino, houve um movimento de empréstimo de livros para as famílias, visto que ela estava aberta para os pais retirarem livros quando fossem buscar seus filhos. Muitas das famílias são economicamente carentes, e a maioria dos pais, pela rotina de trabalho que exige que o(a) filho(a) fique o dia inteiro na creche, não cultiva o hábito da leitura em casa. Segundo a coordenadora do CEI, a partir do momento que o trabalho da leitura do literário com as crianças foi iniciado, os pais também já começaram a olhar a Bebeteca e o empréstimo de livros de forma diferente: “[...] é um processo lento, porém já estamos colhendo frutos, recebemos relatos de pais que tiveram este primeiro momento de leitura em família com o empréstimo de livros da unidade” (Coordenadora do CEI João Vitorino).

Petit (2019) enfatiza que quanto mais violenta a comunidade, quanto mais vulnerável, mais importante se tornam ações dessa natureza “[...] para conter o medo e transformar as inquietações e os sofrimentos em ideias” (Petit, 2019, p. 200). Para essas famílias, a Bebeteca torna-se um espaço de inserção do livro na vida dessas crianças que se encontram com os pais apenas no fim do dia, após longa jornada de trabalho. Nesse sentido, espaços de leitura necessitam estabelecer uma relação complementar, em que escola depende da família e vice-versa, como enfatizam Melo e Rego (2018). As pesquisadoras, ao discutirem sobre a formação de leitores da Educação Infantil, apresentam vários fatores a serem considerados, a saber: “[...] a criança, a escola, o ambiente de sala de aula, os professores e profissionais que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, as atividades por eles desenvolvidas e o acervo disponível” (Melo; Rego, 2018, p. 94).

Para Petit (2019), uma Bebeteca serve, no mínimo, para apresentar às crianças o mundo dos livros e criar “momentos de transmissão poética” (Petit, 2019, p. 203), que escapam da brutalidade na qual nos inserimos na modernidade, tornando o mundo real um pouco mais habitável.

## CONCLUSÕES

Propomos, neste texto, discutir como a Bebeteca pode ser um espaço de leitura habitável e de educação estética da criança pequena nos Centros de Educação Integrada. Identificamos como espaço habitável aquele que acolhe, que aconchega, que permeado de significados afeta e propicia encontros múltiplos, e, por isso, pode repercutir na educação estética das crianças. Educar esteticamente pressupõe abrir-se para a desaceleração do tempo e dos resultados predefinidos. Abrir-se à experiência, à escuta, à liberdade e à produção de sentidos como processo que enxerga a riqueza da caminhada e não apenas da chegada.

A experiência da Bebeteca no CEI João Vitorino tem possibilitado olhar o caminho percorrido e, nele, há marcas que evidenciam que a Bebeteca se tornou um espaço de leitura habitável e de educação estética. Com um projeto delineado e discutido com os professores mediadores de leitura, com um programa de formação aos professores que oferece sustentação teórica e prática, tem se instituído como um ambiente vivo e em transformação. O modo como o espaço físico é organizado desempenha um papel estruturante da escuta, do manuseio das obras, da interação entre pares, da liberdade, da exploração corporal. Um contexto capaz de sustentar experiências emocionais, estéticas e processos frutivos que, como pudemos ver nas imagens e na entrevista com a gestora, tem marcado a vida das crianças, das famílias e suas relações em uma ambiência de leitura.

Para desenvolver um comportamento leitor, a ambiência de leitura na Bebeteca necessita oportunizar desejos e descobertas. Por isso, o acervo pautado no critério estético e distanciado da ânsia do uso do livro literário para ensinar é um caminho que vem sendo trilhado pela gestão e pelos professores, situação que requer ampliação do repertório literário dos docentes, e, também, uma sensibilidade e atenção profunda às singularidades das crianças, ao que elas gostam de fazer, aos modos como elas se envolvem com as obras.

Como resultados, sinalizamos: a Bebeteca torna-se um espaço de leitura habitável e de educação estética quando seu projeto é elaborado pelos professores e pelos gestores, de forma a criar um sentimento de pertencimento do grupo; o espaço físico é organizado de forma estética para que a criança tenha conforto e liberdade de escutar histórias, manusear o livro e interagir com os pares; há um programa de formação literária para os professores de forma a ampliar sua compreensão sobre a problemática da leitura assim como seu repertório; a Bebeteca envolve a família em uma ambiência de leitura, criando oportunidades de extensão da leitura do literário em casa; o acervo da Bebeteca é organizado segundo critérios estéticos e acolhe obras de cunho narrativo e, também, de imagens e de poesias, além de oferecer contato da criança com livros em suportes variados.

Ao consolidar-se como espaço de leitura habitável e formação estética, a Bebeteca assegura também a construção de novos olhares sobre a criança e suas capacidades, sobre seu direito à leitura do literário. Ações que chegam em um presente tão desafiador, mas que permitem esperar o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovich, Fanny (1991). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. Scipione.
- Aguiar, Vera Teixeira de (2019). Entrevista com a Professora Doutora Vera Teixeira de Aguiar. [Entrevista cedida a] Diógenes Buenos Aires de Carvalho e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira. *Leitura em Revista*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 334-341, dez. <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v23n70/1982-0305-teias-23-70-0291.pdf>
- Bachelard, Gaston (2000). *A poética do espaço*. Tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural.
- Baptista, Mônica Correia; López, María Emilia; Almeida Júnior, José Simões de. (2016). Bebetecas nas Instituições de Educação Infantil: espaços do livro e da leitura para crianças menores de seis anos. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, ano 19, n. 29, p. 107-123, set./dez. <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1881>
- Barthes, Roland. (2013). *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução Leyla Perrone-Moisés. Cultrix. <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/974/BARTHES%20-%20ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Barthes, Roland. (2010). *O prazer do texto*. 4. ed. Perspectivas.
- Bordini, Maria da Glória. (2009). Pensando a poesia infantil de agora. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. Global, p. 139-162. <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v23n70/1982-0305-teias-23-70-0291.pdf>
- Bordini, Maria da Glória; Aguiar, Vera Teixeira de. (1993). *Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)*. 2. ed. Mercado Aberto.
- Brasil. (2013). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 12, p. 59-62, 13 jun. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Carvalho, Carla; Neitzel, Adair de Aguiar; Moraes, Taiza Mara Rauen. (2020). Da mediação de leitura à autonomia leitora. In: NEITZEL; Adair de Aguiar; CERVI, Gicele Maria Cervi; MORAES, Taiza Mara Rauen. (org.). *Mediações do literário*. CRV, p. 107-132. <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/34511-mediacoes-do-literario>

- Fortunati, Aldo. (2018). Entrevista. In: REIS, Gesiele; NEITZEL, Adair de Aguiar. *Experiências literárias com crianças pequenas em San Miniato*. Itajaí: Editora da UNIVALI; UNESC, p. 13-21.
- Franco, Maria Laura Puglisi Barbosa. (2008). *Análise de conteúdo*. 3. ed. Liber Livro.
- Hasper, Francislaine. (2017). *Bebetecas: um espaço de mediação do literário com crianças pequenas*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.  
<https://www.univali.br/Lists/TrabalhosMestrado/Attachments/2136/Francislaine%20Hasper.pdf>
- Hasper, Francislaine; Neitzel, Adair de Aguiar. (2020). O espaço da bebeteca nos centros de educação infantil: modos de ver e de sentir a literatura. In: URIARTE, Mônica; NEITZEL, Adair de Aguiar; KRAMES, Ilisabet Pradi Krames. (org.). *Cultura, escola e educação criadora: mediações culturais e proposições estéticas*. CRV, p. 71-92. <https://www.escavador.com/sobre/7328395/adair-de-aguiar-neitzel>
- Lajolo, Marisa. (1986). O texto não é pretexto. In: Zilberman, Regina. (org.). *Leitura em crise na escola*. Mercado Aberto, p. 51-52.
- Loizos, Peter. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Vozes, p. 137-155.
- Martins, Elaine Cristina da Silva; Neitzel, Adair de Aguiar. (2016). *Narrativas hipertextuais infantis*. Appris.
- Melo; Caroline Rodrigues; Rêgo, Zila Letícia Pereira. (2018). E agora, minha gente, uma história eu vou contar: experiências de formação de leitores no berçário. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 78, p. 91-101, set./dez. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12036>. Acesso em 05/05/2022.
- Neitzel, Adair de Aguiar; Carvalho, Carla. (2016). *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética*. CRV.
- Neitzel, Adair de Aguiar; Ferri, Cássia; Borba, Adeneri Nogueira de. (2018). A biblioteca como espaço de mediação cultural e de educação estética. *Education Policy Analysis Archives*, [s. l.], v. 26, n. 20, p. 1-20, fev. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.2966>. Acesso em 05/04/2022.
- Nhoque, Janete Ribeiro. (2019). *O leitor encarnado e a leitura do literário como experiência*. 2019. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/226/Janete%20Ribeiro%20Nhoque.pdf>. Acesso em: 01/04/2022.
- Ostetto, Luciana Esmeralda; Silva, Greice Duarte de Brito. (2018). Arte na formação docente para a educação infantil: Procura-se!. *Poiésis*, Tubarão, v. 12, n. 21, p. 185-203. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/5902>. Acesso em 12/05/2022.
- Petit, Michèle. (2019). *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Tradução Julia Vidile. 34.
- Projeto: Bebetecas – O direito da criança pequena à leitura do literário. Itajaí: CEI João Vitorino, 2019.
- Ramos, Flávia Brocchetto; Nunes, Maria Forgearini. (2013). Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 251-263, abr./jun. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/24680>. Acesso em 22/05/2022.
- Ramos, Flávia Brocchetto; Panozzo, Neiva Senaide Petry. (2011). *Interação e mediação de leitura literária para a infância*. Editora Global.

- Reis, Gesiele; Neitzel, Adair de Aguiar. (2018). *Experiências literárias com crianças pequenas em San Miniato*. Itajaí: UNESC.
- Rösing, Tania M. K. (1996). *A formação de professores e a questão de leitura*. UPF Editora.
- Silva, Ezequiel Theodoro da. (1986). *Leitura na escola e na biblioteca*. Papyrus.
- Soares, Magda. (2001). A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: Evangelista, Aracy Alves Martins; Brandão, Heliana Maria Brina; Machado, Zélia Versian. (org.). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. Autêntica. p. 17-48.  
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33147/1/LITERATURA%20INFANTIL%20COMO%20MEDIADORA%20DA%20LEITURA%20NOS%20PRIMEIROS%20ANOS%20DE%20ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O.pdf>
- Yunes, Eliana. (2014). George de la Tour tinha razão: os livros têm luz própria. *EntreLetras*, Araguaína, v. 5, n. 1, p. 14-18, jan./jul.
- Yunes, Eliana. (1999). Círculos de leitura: teorizando a prática. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, n. 33, ano XVIII, p. 17-21, jun. <https://alb.org.br/arquivo-morto/ltp/rev/rev33.asp.htm>
- Zilberman, Regina. (org.). (1986). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Mercado Aberto.